

Linguagem corporal e formação acadêmica num campus universitário do Amazonas

Body Language and Academic Education at an Amazonas State University Campus

Eduardo de Souza Chaves
Adriano Clayton da Silva
Universidade Federal do Amazonas
Parintins - Brasil

Resumo

A linguagem corporal é inerente à comunicação humana, mas sua influência ainda é pouco estudada nos ambientes escolares. A pesquisa ora apresentada buscou analisar a linguagem corporal nas comunicação e formação acadêmica de estudantes de um campus da Universidade Federal do Amazonas. Foram feitas pesquisas bibliográfica e de campo, esta consistindo em entrevista (formulário online com perguntas abertas e fechadas) com 34 estudantes de graduação, e posterior análise estatística e de conteúdo. Comprovamos que a linguagem corporal influencia no processo formativo dos estudantes: a maioria disse que postura e tom de voz são tão importantes quanto conteúdo numa apresentação; também a maioria dos entrevistados disse aprender mais com professores que dão aula em pé; dentre outras descobertas. Concluimos que é preciso mais atenção ao uso da linguagem corporal em sala de aula.

Palavras-chave: Comunicação; Linguagem Corporal; Formação Acadêmica.

Abstract

Body language is inherent to human communication, but its influence is still under-researched in school environments. The research presented here sought to analyse body language in the communication and academic education of students at a campus of the Federal University of Amazonas. Literature and field research were carried out, the latter consisting of an interview (online form with open and closed questions) with 34 undergraduate students, and subsequent statistical and content analysis. We found that body language influences the students' education process: the majority said that posture and voice tone are as important as content in a presentation; the majority of interviewees also said that they learn more from lecturers who teach standing up; among other findings. We conclude that more attention needs to be paid to the use of body language in the classroom.

Keywords: Communication; Body language; Academic education.

Introdução

O presente artigo é o resultado de uma pesquisa de iniciação científica realizada ao longo de onze meses no campus de Parintins, AM, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), em que buscamos compreender como a linguagem corporal influencia a comunicação interpessoal e o aprendizado de estudantes dos diversos cursos de graduação do mencionado campus. É uma pesquisa de abordagem qualiquantitativa e se ancora nos estudos de Bordenave (1984), Borges (2022), Pease e Pease (2019), Santos e Mortimer (2001), Schlickmann e Skrsypcsak (2017) Weil e Tompakow (2015), entre outros, além de pesquisa de campo, como será detalhado mais à frente.

Que a linguagem corporal faz parte da comunicação humana não há dúvidas: Para Navarro e Karlins (2021), ela representa cerca de dois terços de tudo o que comunicamos durante uma conversa, seja por gestos, expressões faciais, postura, movimentos dos pés e das mãos, tom de voz, etc. Desse modo ela também está presente nas salas de aula e nos ambientes acadêmicos em geral. Contudo, pouco se pesquisou sobre até que ponto ela interfere no aprendizado e na formação geral de estudantes de graduação. Esse foi o mote para começarmos a pesquisa ora apresentada.

Neste texto, inicialmente trazemos as ideias de comunicação e linguagem corporal. A seguir, relacionamos a linguagem corporal à formação acadêmica. Depois apresentamos a metodologia usada na pesquisa. Em seguida, vêm os resultados, discussões e seus relacionamentos com a bibliografia levantada. Depois, apresentamos uma proposta de extensão, que faz parte da pesquisa e da iniciação científica: a criação de um mini-manual sobre posturas e condutas dentro do ambiente acadêmico, voltado especialmente para aumentar o engajamento e a boa comunicação dentro da sala de aula. Por fim, apresentamos algumas conclusões.

Comunicação e linguagens: conceitos, estruturas e formas de funcionamento

A comunicação, enquanto principal meio de interação utilizado pelos sujeitos sociais desde os primórdios da humanidade, configura-se para Borges (2022, p. 23) como “um processo pelo qual as pessoas partilham informações e ideias (verbalmente ou não)”, mas não somente, pois é através dela que os indivíduos constroem novas formas de conhecimento e estabelecem vínculos, sejam eles políticos, econômicos, culturais, afetivos e assim por diante. Segundo Schlickmann e Skrsypcsak (2017), a comunicação está sempre acompanhando os desenvolvimentos socioculturais e tecnológicos da humanidade: algumas

formas de comunicação perdem espaço por conta dos avanços que proporcionaram o surgimento de novos canais de comunicação, mais práticos e eficazes. Como exemplo, percebemos que enviar cartas por correios para se comunicar com pessoas em outras partes do mundo se tornou algo quase obsoleto. É mais fácil enviar um e-mail pelo computador, ou apenas fazer uma ligação de áudio ou vídeo.

Para que haja comunicação, Mesquita (1997) defende que, antes de qualquer coisa, as interações precisam ter mensagens a serem transmitidas entre os indivíduos, isto é, necessitam ter uma finalidade inicial para que possam ocorrer, tais como informar, partilhar ideias, transmitir e construir conhecimentos, questionar, estabelecer ou encerrar vínculos de todos os cunhos etc. Logo, a comunicação não é um processo dado de maneira arbitrária.

Schlickmann e Skrsypcsak (2017) apontam que existem quatro elementos fundamentais que servem para entender e explicar a comunicação humana. O primeiro é o transmissor, o indivíduo responsável por externar e disseminar as mensagens. O segundo elemento é o receptor, ou seja, quem recebe as informações e conhecimentos expostos por quem as transmite. O terceiro é a mensagem, que apresenta-se como o objeto da comunicação, que contém os dados, as informações, notícias etc. Por fim, o quarto elemento apresenta-se como os meios, isto é, todo e qualquer artifício utilizado para levar as mensagens externadas pelos transmissores até os receptores, e suas representações são dadas através das linguagens verbal, não-verbal, oral e corporal. Ou seja, os meios atuam como intermediários entre todos os outros três elementos.

Podemos pensar aqui também na ideia de multimodalidade, inicialmente proposta por Kress e Van Leeuwen (2001): modos são recursos semióticos pelos quais se permite a realização simultânea de discursos e tipos de interações. Assim, não apenas as palavras emitidas pela boca de uma pessoa servem para comunicar: gestos, expressões, usos de roupas e cores, entre diversas outras possibilidades servem para tal, e quaisquer duas ou mais pessoas inseridas nas mesmas interações e práticas discursivas serão capazes de perceber as informações desses modos, mesmo sem se aperceberem disso.

Partindo dos pressupostos acima supracitados, sustentamos, para os fins da pesquisa que deu origem a este artigo, que a comunicação humana possui em suas dimensões internas duas categorias básicas: Comunicação Verbal e Comunicação Não-Verbal. A comunicação verbal pode ser compreendida como o canal de comunicabilidade que se vale de mecanismos

linguísticos, podendo ser a fala ou a escrita. Consiste em tudo aquilo que pode ser pronunciado pelos sujeitos usando regras gramaticais consagradas pelo grupo em que a comunicação está sendo feita. Suas manifestações dão-se por intermédio das mais variadas formas de expressão: discursos; escritas; proseamentos; conversas formais e/ou informais; cantorias (sobretudo as representações musicais cujas possuem letras que possam ser cantadas) etc. Santos e Mortimer (2001) complementam essa ideia ao dizer que até as pausas e silêncios fazem parte da comunicação verbal.¹

Por outro lado, a comunicação não-Verbal caracteriza-se como a forma de comunicabilidade em que o uso dos mecanismos verbais/discursivos é praticamente inexistente. Para Navarro e Karlins (2021), a comunicação não verbal engloba expressões desde faciais, gestos e toques, passando por movimentos e posturas – a linguagem corporal propriamente dita –, até adornos, sendo que até a entonação e o volume da voz podem se enquadrar nessa forma de comunicação. Ainda segundo os autores, todos esses recursos representam em média cerca de 60 a 65% de toda comunicação interpessoal.

Sabendo que a linguagem corporal compõe um dos aspectos da comunicação não-verbal, entendemos que o corpo é um canal significativamente influente durante as interações interpessoais dos indivíduos, pois, ao falarmos, gesticulamos, fazemos desenhos imaginários para expressar formas, tamanhos, intensidades, direções etc. Todo o corpo é um canal de comunicação que possibilita estender e externar o que um determinado indivíduo pode estar querendo dizer, ou esconder, em cada momento que comunica. Segundo Weil e Tompakow (2003, p. 90), “o corpo fala o que a mente contém”, ou seja, os movimentos feitos por uma pessoa podem estar transmitindo possíveis estados psicológicos do indivíduo, o que vai acabar sendo percebido pelos interlocutores presentes, mesmo que de forma não consciente, levando a um julgamento, negativo ou positivo, sobre o que o indivíduo está dizendo com suas palavras.

Para que haja boas interações interpessoais, isto é, interações que sirvam como atributos de engajamento pessoal, acadêmico e/ou profissional, é necessário que os indivíduos possuam algumas disposições que os possibilitem a ter formas de comunicação mais aguçadas e desenvolvidas. Mesquita (1997, p. 161) denomina essas aptidões competências ou habilidades sociais.

Por habilidades sociais compreendemos as capacidades que um indivíduo tem de lidar com situações interpessoais (Bandeira et al., 2006), isto é, as competências que um determinado sujeito possui para se adequar a contextos, lugares e até grupos sociais. As

habilidades sociais tornam as pessoas mais versáteis socialmente, o que lhes possibilita ter um maior repertório de informações e relações, e por consequência um melhor engajamento pessoal. Os autores ainda afirmam que as pessoas tendem a desenvolver suas habilidades sociais ainda na infância, havendo uma relação direta entre tais habilidades e o nível socioeconômico e/ou a escolaridade dos pais. Estas condições influenciam desde muito cedo o processo de desenvolvimento das habilidades sociais de uma criança que, por consequência, tenderá a reproduzir tais comportamentos durante a vida adulta.

As habilidades sociais, ao serem praticadas, possuem como resposta o “efeito social”, que tende a ser expresso de acordo com as normas de cada contexto e ambiente (Couto *et al.*, 2012). Tais efeitos podem soar de maneira positiva (quando aceitos pelos demais indivíduos presentes no ambiente) ou negativa (quando os indivíduos do ambiente consideram como inadequadas determinadas formas de comportamento), e isso depende totalmente da linguagem corporal em consonância com a comunicação verbal da pessoa em cada momento. Tal conciliação é essencial pois, de acordo com Santos e Mortimer (2001), as gesticulações de um indivíduo podem substituir, complementar e até contradizer suas argumentações durante os momentos de interação com outras pessoas, o que pode vir a interferir na compreensão dos interlocutores do sujeito em questão.

Ao pensarmos no ambiente acadêmico e na formação universitária, a linguagem corporal torna-se então elemento fundamental para o sucesso de alguém, pois possibilita maior engajamento social com outras pessoas, melhorando a qualidade de suas relações pessoais, acadêmica e profissional.

Linguagem corporal e aprendizado

Não apenas a linguagem corporal deve ser pensada de forma ativa no ambiente universitário, ou seja, com o indivíduo praticando-a no dia a dia em interações com outros sujeitos. Também a exposição de alguém à linguagem corporal de outrem vai afetar diretamente seu aprendizado. Sousa, Leal e Sena (2010) corroboram isso na pesquisa que fizeram, em que 63 estudantes universitários foram entrevistados sobre o tema Linguagem Corporal e em que 77% deles afirmaram que há interferências no processo de ensino/aprendizagem dentro das salas de aula por parte da linguagem corporal adotada pelos professores. Os autores mostram que a comunicação não-verbal está diretamente ligada às relações dos alunos com a classe docente dentro das universidades. Através da mencionada

pesquisa fica notório, por parte dos estudantes, perceber se o docente que ministra as aulas expressa interesse ou displicência em relação aos assuntos que precisam ser abordados nas matérias pertencentes às grades curriculares dos cursos de que participam, e isso observando-se as maneiras como fala e/ou gesticula durante as aulas.

Outra pesquisa que aponta, ainda que indiretamente, para a importância da linguagem corporal é a de Couto *et al.* (2012), que analisou os escores de habilidades sociais de universitários em relação a oito aspectos – dominância, segurança, exposição, sociabilidade, amigabilidade, calor afetivo, confiança e deferência – e seus opostos – submissão, insegurança, inibição, isolamento, hostilidade, frieza afetiva, desconfiança e competição. Ora, não é possível pensar em alguns desses aspectos sem pensar que o corpo está trabalhando para efetivá-lo. Calor afetivo, exposição, amigabilidade, deferência não são expressos apenas por palavras. Pelo contrário, é quase impossível sentir calor afetivo por alguém que não tenha expressões faciais e postura condizentes com alguém afetivo (aproximar-se, tocar, abraçar, fazer cara alegre ou triste...). Igualmente, expor-se é expor o corpo para avaliação de outrem, e não apenas a própria voz. Couto *et al.* (2012) ainda mostram que pessoas com altas habilidades sociais, ou seja, capazes de equilibrar aspectos “positivos” e “negativos” em suas interações, a depender do tipo de interação, tendem a ser vistas como portadoras de posições interpessoais desejáveis no ambiente universitário. Isto é, a pessoa que sabe quando dominar ou se submeter a uma situação, ou que sabe tratar hostilidade com amigabilidade, é melhor vista pelos colegas.

Outro estudo fundamental que mostra a influência da linguagem corporal na interação entre docentes e discentes é o de Farsani e Mendes (2023), embora não um estudo específico com universitários. Os autores entendem os gestos feitos com as mãos como modos de transmissão tão importantes quanto a fala de um docente – ou seja, qualquer professor se comunica de forma multimodal. Nesse sentido, eles analisam as diferenças de comportamento de estudantes diante de dois gestos diferentes do professor: o primeiro é apontar diretamente para o aluno com o dedo indicador; o segundo é dirigir a mão aberta, com a palma para cima, para o aluno. No primeiro caso, mesmo havendo cordialidade na fala, a tendência dos estudantes é de se afastar do docente e assumir posições defensivas. No segundo caso, os estudantes tendem a se abrir e se aproximar mais do professor que lhe dirige a pergunta e a palma da mão.

Apesar da importância do tema, ainda há pouquíssimas pesquisas nesse campo. Então, nossa pesquisa vem no sentido de tentar elucidar um pouco mais como a linguagem corporal afeta o aprendizado no ambiente universitário.

Procedimentos metodológicos

A pesquisa é de abordagem qualiquantitativa, consistindo em três etapas. A primeira consistiu na pesquisa documental (bibliográfica), em que buscou-se aumentar o arcabouço teórico por intermédio das leituras feitas em livros, artigos científicos, dissertações de mestrado etc.

A segunda etapa foi a pesquisa de campo, realizada no locus do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (ICSEZ), um campus da UFAM localizado em Parintins, AM, teve como público alvo os estudantes regularmente matriculados nos sete cursos ofertados pela instituição – Administração; Artes Visuais; Comunicação Social/Jornalismo; Educação Física; Pedagogia; Serviço Social; e Zootecnia – e funcionou da seguinte forma: os alunos e alunas do campus foram abordados nos corredores e perguntados se eram de fato estudantes de graduação e se estariam interessados em participar de uma pesquisa. Os indivíduos foram abordados nos turnos matutino, vespertino e noturno entre janeiro e fevereiro de 2024. Ao confirmarem e mostrarem interesse, eram informados sobre o teor dela, os tipos de perguntas que responderiam e como responderiam. Também era apresentado o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) e explicado que os dados pessoais da pessoa seriam confidenciais e as respostas oferecidas seriam usadas apenas para a pesquisa.²

O aluno ou aluna então era convidado a voltar no dia seguinte ao mesmo local para confirmar se queria mesmo participar, ocasião em que assinava o TCLE e recebia um número de identificação e o link para o formulário online.

O formulário online, hospedado na plataforma Google, consiste em 26 perguntas abertas ou fechadas, as primeiras de cunho socioeconômico, para identificar o perfil dos respondentes, e as demais relacionadas ao tema da linguagem corporal. Como exemplos de perguntas específicas sobre linguagem corporal temos: “Você se incomoda com alguma postura corporal adotada pelos docentes durante a ministração das aulas? Se sim, quais e porquê?”; “Você sente que aprende mais quando os docentes ministram as aulas: em pé, sentados, ou não faz diferença?”; “Para você, o que é linguagem corporal?”.³

A terceira etapa consistiu na análise das respostas dadas pelos entrevistados da pesquisa, que contou com o suporte dos estudos de Bardin (2011) e de Guerra (2010) para categorização e análise de conteúdo, além de análises estatísticas simples.

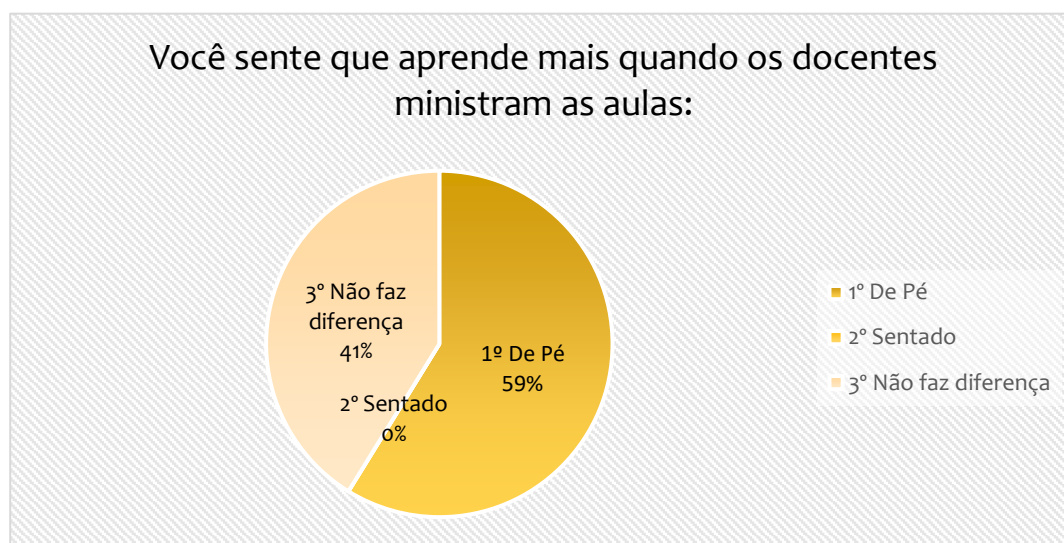
Resultados e discussões

Dentre os vários estudantes abordados no campus, 60 assinaram o TCLE, mas apenas 34 preencheram o formulário.

Quanto ao perfil socioeconômico, temos as seguintes informações: Sobre o gênero de identificação, as respostas obtidas foram as seguintes: 58,8% das pessoas entrevistadas (20 pessoas) identificaram-se como sendo do sexo feminino e 41,2% (14 pessoas) como do sexo masculino. No que diz respeito à cor ou identificação étnica, obteve-se o seguinte resultado: Branca: 11,8% (4 pessoas); Preta: 5,9% (2 pessoas); Parda 79,4% (27 pessoas); Indígena 0,0% (0 pessoas); e Outra 2,9 % (1 pessoa). Sobre a idade: 76,5% dos participantes (26 pessoas) tem entre 18 e 23 anos, e o restante (8 pessoas) tem 24 anos ou mais. Sobre os cursos de cada participante, temos: Administração 14,7% (5 pessoas); Artes Visuais 20,6% (7 pessoas); Comunicação Social/Jornalismo 20,6% (7 pessoas); Educação Física 5,9% (2 pessoas); Pedagogia 8,8% (3 pessoas); Serviço Social 8,8% (3 pessoas), e Zootecnia 20,6% (7 pessoas).⁴

Quando perguntados se possuíam outra graduação, 5,9% (2 pessoas) disseram que sim e em instituição particular; 2,9% (1 pessoa) disse que sim e em instituição pública; e 91,2% (31 pessoas) disseram que não. Ao serem questionados sobre o grau de escolaridade do pai, mãe ou responsável, 38,2% (13 pessoas) dos participantes responderam até o ensino médio incompleto; 29,4% (10 pessoas) responderam ensino médio completo; e 32,4% (11 pessoas) responderam ensino superior incompleto ou completo. Essa pergunta foi pensada justamente devido à pesquisa de Couto *et al.* (2012), que relaciona habilidades sociais com escolaridade dos pais, e foi relevante para pensar sobre alguns dados encontrados, como veremos mais à frente.

Sobre as perguntas relacionadas à linguagem corporal, tivemos as seguintes respostas: à pergunta 14, “Você sente que aprende mais quando os docentes ministram as aulas: em pé, sentados, ou não faz diferença”, 59% (20 pessoas) disseram que aprendem mais com docentes em pé, enquanto que 41% (14 pessoas) responderam que não faz diferença (Gráfico 1). Esse dado é um dos mais relevantes ao considerarmos que a linguagem corporal afeta o aprendizado, pois indica que um professor em movimento dentro da sala tende a atrair mais a atenção da turma. Não conseguimos encontrar na literatura um motivo para isso.

Gráfico 1: Como os estudantes sentem que aprendem mais.

Na pergunta 17, “O que te faz se sentir confortável para fazer perguntas a um(a) docente?”, tivemos: 5,9% (2 pessoas) considerou o tom de voz; 79,4% (27 pessoas) alegou ser a forma como ele(a) age na sala de aula; 2,9% disseram o olhar (1 pessoa); 11,8% afirmaram que o fato de o ministrante dizer que perguntas podem ser feitas durante as aulas (4 pessoas). Novamente a forma como o professor age faz diferença. Embora não esteja especificado o que seria essa forma de agir, a pergunta aberta 16, “Você sente receio de fazer perguntas aos professores durante as aulas? Se sim, porque?” parece dar uma pista: 38,2% (13 pessoas) disseram que não; 50% (17 pessoas) disseram que sim; e 11,8% (4 pessoas) disseram às vezes. Dentro os motivos apresentados pelas pessoas que disseram sim, quase todas usaram palavras ou expressões como “vergonha”, “insegurança”, “medo de ser julgado” ou “por achar que vai incomodar”. Cogitamos que talvez uma atitude mais acolhedora do/a docente na sala através de seus gestos, conforme explicitado por Farsani e Mendes (2023), poderia aumentar a confiança dos/as estudantes.

À pergunta aberta 20, “Como você se sente ao se apresentar em público ou em seminários acadêmicos?”, 64,7% (22 pessoas) disseram sentir dificuldades, usando palavras como “vergonha”, “insegura” e principalmente “nervosa”; 35,3% (12 pessoas) alegaram se sentir bem. Os dados coincidem com os da pergunta fechada 15, “Você considera que possui alguma dificuldade em se apresentar em público ou em seminários acadêmicos?”, em que 35,3% (12 pessoas) disseram que não e 64,7% (22 pessoas) disseram que sim. Entendemos que as dificuldades sentidas pelos estudantes podem guardar relação com diversos fatores

socioculturais. Contudo, quando cruzamos as informações da pergunta 15 com os dados de escolaridade dos pais temos uma mudança significativa: dentre as 13 pessoas cujo pai, mãe ou responsável tem até o ensino médio incompleto, 76,9% (10 pessoas) disseram ter alguma dificuldade; já entre as 21 pessoas cujo pai, mãe ou responsável tem ensino médio completo ou mais, 57,1% (12 pessoas) disseram ter alguma dificuldade. Isso confirma a relação entre habilidades sociais e grau de escolaridade dos pais apresentada por Couto *et al.* (2012).

Sobre a linguagem corporal própria, a pergunta 19 foi para saber se costumam tomar consciência dos seus gestos e posturas ao se apresentarem em público ou em seminários acadêmicos, ao que 85,3% (29 pessoas) disseram que sim e 14,7% (5 pessoas) alegaram que não.

Tabela 1: O que é mais relevante na comunicação de um indivíduo.

Das opções de escolha	Quantidade em %	Número de pessoas
Posturas e gesticulações	8,8%	3 pessoas
Tom de voz	2,9%	1 pessoas
Conteúdo a ser passado	8,8%	3 pessoas
Posturas, gesticulações e tom de voz	8,8%	3 pessoas
Posturas, gesticulações e conteúdo	35,3%	12 pessoas
Tom de voz e conteúdo	5,9%	2 pessoas
Todos os aspectos citados	29,4%	10 pessoas
Total	100%	34 pessoas

Fonte: Elaboração dos autores.

À pergunta 23, “O que você considera mais relevante na comunicação de um indivíduo, podendo ser docente, estudante ou ambos?”, a Tabela 1 acima apresenta os dados.

Para a pergunta 26, “Qual aspecto você mais observa durante a fala de uma pessoa?”, obtivemos os seguintes dados: cabeça (expressões faciais) 11,8% (4 pessoas); contato visual 8,8% (3 pessoas); entonação vocal 14,7% (5 pessoas); gesticulações (movimento das mãos) 8,8% (3 pessoas); postura 0,0% (0 pessoas); vestimentas 0,0% (0 pessoas); todos os aspectos 55,9% (19 pessoas); e nenhum 0,0% (0 pessoas).

Notamos uma diferença nas respostas das duas perguntas anteriores: embora as pessoas esperem algo da comunicação de alguém, não é isso que mais reparam quando alguém está falando. Não sabemos dizer o motivo dessa diferenciação. De qualquer modo, os dados confirmam o que já havia sido constatado por Sousa, Leal e Sena (2010): há interferências do uso da linguagem corporal dos estudantes ao longo das aulas.

Uma proposta de manual

Seguindo as tendências mais atuais das pesquisas brasileiras, esta também buscou uma aplicação extensionista aos resultados que obteve. Nesse sentido, foi pensado um mini manual, ou guia, com sugestões de posturas e gestos que os estudantes podem usar durante suas interações em sala ou nos corredores do campus. A maioria das informações foi retirada dos trabalhos de Pease e Pease (2019) e Weil e Tompakow (2015).

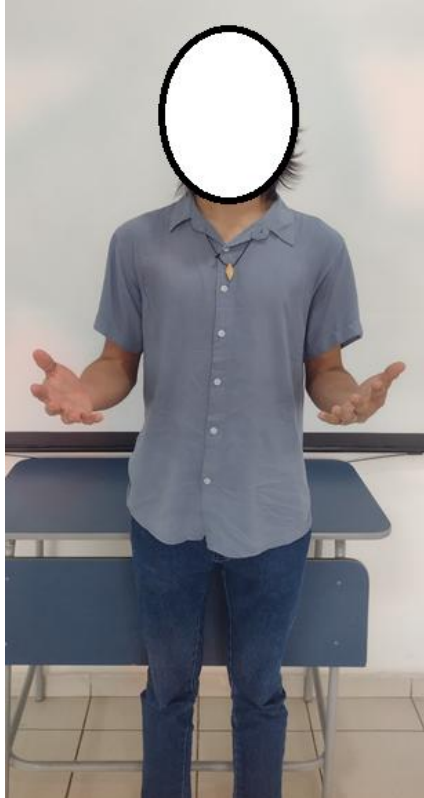
O material foi organizado usando-se fotografias com as posições interpessoais mais ou menos desejáveis por parte dos estudantes (os autores foram os modelos), e algumas explicações sobre como fazer a posição ou postura e o que ela indica ou evoca. As Fotos 1 e 2, com os respectivos textos explicativos, mostram como será o mini-manual.

Considerações finais

Pudemos demonstrar o grau de relevância dado pelos estudantes do campus da UFAM aos impactos da linguagem corporal em seu processo formativo, tanto no que tange ao comportamento dos professores quanto no que se refere a eles próprios ao se comunicarem e observarem as formas como outras pessoas se comunicam, e isso de forma consciente ou não. Assim, é preciso que a temática seja abordada nos ambientes acadêmicos, já que são espaços de formação profissional e pessoal. Entendemos que o desenvolvimento de todas as formas de linguagem e comunicação dos estudantes possibilitará que se tornem profissionais mais proativos e engajados socialmente.

Além disso, o domínio das posturas, gesticulações e outros aspectos são muitas vezes critérios de avaliação utilizados pelos professores em apresentações. Assim, é necessário que os discentes recebam melhores instruções e norteamientos sobre o assunto, de modo a se evitar prejuízos no rendimento acadêmico, visto que, embora essas competências sirvam como requisito de avaliação em seminários acadêmicos (mas não somente, pois, como foi visto, essas características fazem a diferença também nos ambientes de trabalho), ainda assim, a temática acaba sendo negligenciada. Esperamos com o mini manual contribuir para o desenvolvimento da comunicação dos estudantes com a divulgação do manual.

Foto 1: Posição interpessoal desejável.⁵



Fonte: Elaboração dos autores.

Foto 2: Posição interpessoal não desejável.⁶



Fonte: Elaboração dos autores.

Por fim, a pesquisa ainda não terminou: os dados observados no primeiro ano nos levaram a renovar a iniciação científica por mais um ano, desta vez focando especificamente na linguagem corporal dos professores e professoras e em como afetam o aprendizado das turmas. Também esperamos que este trabalho seja uma ponte para futuras pesquisas na área, de modo que possam resultar em mais engajamento e vontade de aprender por parte dos estudantes universitários.

Referências

BANDEIRA, Marina; ROCHA, Sandra S.; FREITAS, Lucas C.; DEL PRETTE, Zilda A. P.; DEL PRETTE, Almir. Habilidades sociais e variáveis sociodemográficas em estudantes do Ensino Fundamental. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 541-549, set./dez. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722006000300010>. Acesso em: 04 jul. 2025.

BARDIN, Lawrence. **Análise de Conteúdo**, 70. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.

BORDENAVE, Juan E. D. **Além dos Meios e Mensagens**: Introdução à A Comunicação Como Processo, tecnologia, sistema e ciência. Petrópolis: Vozes, 1984.

BORGES, Bruno M. C. **A importância da comunicação não-verbal para o bom desempenho das organizações**. 2023. Dissertação (mestrado) – Católica Porto Business School, Universidade Católica Portuguesa, Porto, Portugal, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/38523/1/203042603.pdf>. Acesso: 29 jun. 2024.

COUTO, Gleiber; VANDENBERGHE, Luc; TAVARES, Wanessa M.; SILVA, Renata L. F. Coelho. Interações e habilidades sociais entre universitários: um estudo correlacional. **Estudos De Psicologia**, Campinas, n. 29, p. 667–677. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2012000500003>. Acesso em: 04 jul. 2025.

FARSANI, Danial; MENDES, Jackeline R. Discurso multimodal em sala de aula: gestos e proxêmica na interação professor-estudante. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 39, e75958, 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0411.75958>. Acesso em: 04 jul. 2025.

GUERRA, Isabel C. **Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo**: sentidos e formas de uso. Cascais, Portugal: Editoria Princípia, 2010.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Multimodal discourse**: the modes and media of contemporary communication. London: Arnold, 2001.

MESQUITA, Rosa M. Comunicação não-verbal: relevância na atuação profissional. **Rev. Paul. Educ. Fis.**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 155-63, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2594-5904.rpef.1997.138567>. Acesso em: 04 jul. 2025.

NAVARRO, Joe; KARLINS, Marvin. **O que todo corpo fala**. 1.ed. Tradução de Edson Furmankiewicz. Rio de Janeiro: Sextante, 2021.

PEASE, Allan; PEASE, Barbara. **Desvendando os Segredos da Linguagem Corporal**. Tradução de Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

SANTOS, Flávia M. T.; MORTIMER, Eduardo F. Comunicação não-verbal em sala de aula. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 1, n. 1, p. 1-13, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbpec/article/view/4181/2746>. Acesso: 29 jun. 2024.

SCHLICKMANN, Joice R.; SKRSYPCSAK, Daniel. Comunicação Humana. In: Seminário de Iniciação Científica do Curso de Pedagogia, 8. Seminário Institucional Interdisciplinar PIBID, 4., 2017, Itapiranga. **Anais [...]** Itapiranga: FAI, 2017. Disponível em: <https://eventos-antigo.uceff.edu.br/site/8-seminario-de-iniciacao-cientifica-de-pedagogia-8-seminario-institucional-interdisciplinar-pibid>. Acesso em 04 jul. 2025.

SOUSA, Luisa de F. L.; LEAL, Ana L.; SENA, Ester F. C. de. A importância da comunicação não-verbal do professor universitário no exercício de sua atividade profissional. **Revista Cefac**, v. 12, n. 5, p. 784-787, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-18462010005000088>. Acesso em: 04 jul. 2025.

WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. **O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal**. 74. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

Notas

¹ Importante ressaltar que a língua de sinais também é verbalizada, no sentido de possuir vocabulário e gramática que a fazem comunicar como qualquer língua oral. Neste caso, a linguagem corporal continua acontecendo através de gestos, posturas ou expressões faciais, como nas línguas oralizadas, e igualmente serve como complemento à língua de sinais.

² A pesquisa teve aprovação do Comitê de Ética em pesquisa da UFAM: Parecer CAAE 74230723.3.0000.5020.

³ O formulário completo pode ser acessado em <https://forms.gle/W2txd1aMSnvptQuk8>.

⁴ O número de participantes da pesquisa é bem pequeno se considerarmos o número total de estudantes de graduação do campus (cerca de 1.700), mas é o que foi possível fazer dadas as circunstâncias.

⁵ Posição do tórax apresenta-se compassiva, nem muito fechada, nem muito aberta. O “eu” aparenta estar seguro e à vontade. Equilíbrio, compassivo. Sensação e aparência de segurança. Causa mais conforto nos interlocutores, pois não mostra ameaças. Cabeça “normal” (ereta), olhar direcionado para a frente, indica controle da mente sobre o corpo. Observe os polegares à mostra, mãos espalmadas para cima e braços abertos. Tais características podem tornar a comunicação mais eficaz. Serve para pontuar e enfatizar determinados trechos da fala, “oferecendo” a informação sem imposição.

⁶ Sobre o tórax, percebe-se Peito encolhido, para dentro”. O “eu” fica menos visível e diminuído, passa a sensação de Sensação de inferioridade, timidez, submissão e retração. Pode ocasionar na falta de credibilidade dada por parte dos indivíduos presentes no ambiente. No que se refere à cabeça do indivíduo, nota-se o Queixo “encolhido”, “para dentro”, “nas proximidades do peito”. Baixa frequência no contato visual, os estímulos externos controlam o indivíduo. Sensação de insegurança e submissão. Falta de credibilidade e confiança nos demais sujeitos. De acordo com os autores, esse comportamento não recomendável a se fazer, pois, tende a causar menos credibilidade e respeito, além de reter menos a atenção do público

Sobre os autores

Eduardo de Souza Chaves

Graduando no curso Bacharelado em Serviço Social pela Universidade Federal do Amazonas, campus Parintins. Membro do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão, Trabalho, Saúde e Serviço Social (NEPTRASS). Possui expertise na linha de Trabalho, Questão Social, Saúde e Emancipação Humana.

E-mail: se324553@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-3296-046X>

Adriano Clayton da Silva

Mestre e Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor Adjunto da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), campus Parintins. Membro dos grupos de pesquisa “E por falar em Tradução”, da Unicamp, e “Núcleo de Estudos de Linguagens da Amazônia (NEL-Amazônia)”, da UFAM. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educomunicação e Linguagens da Amazônia (PPGEL-Amazônia), da UFAM. Nos últimos anos pesquisou sobre: tradução intersemiótica e multimodalidade; tradução e línguas indígenas; letramentos acadêmico e digital.

E-mail: adrianocsilva@ufam.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6556-884X>

Recebido em: 30/06/2024

Aceito para publicação em: 24/06/2025